REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NOVA TERRA

QUANDO A COMUNIDADE CONTA A SUA HISTÓRIA: A LINHA DO TEMPO COMO FERRAMENTA CONTRA-HEGEMÔNICA

Isabela Esteves Gomes[94]
Reginaldo Pereira dos Santos Júnior[95]

Introdução

A produção do conhecimento científico no Brasil ainda carrega marcas históricas de perspectivas eurocêntricas e modelos investigativos que, muitas vezes, silenciam sujeitos e territórios historicamente marginalizados. No caso das comunidades quilombolas, esse processo contribuiu para invisibilizar memórias, práticas culturais, formas próprias de organização social e modos de compreender o mundo. Diante disso, torna-se necessário construir caminhos metodológicos capazes de reconhecer esses grupos como protagonistas da produção de saberes, superando relações hierárquicas entre pesquisador e comunidade.

Nesse contexto, as práticas contra-hegemônicas no campo da pesquisa e da educação surgem como alternativas

[94] Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
[95] Doutor em Difusão do Conhecimento pela UFBA. Docente do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Vale do São Francisco, *Campus* Senhor do Bonfim, Bahia.

comprometidas com a valorização das experiências coletivas, da oralidade, da ancestralidade e da participação popular. Na compreensão que o conhecimento não se restringe aos espaços institucionais formais, mas também e, especialmente, se produz no cotidiano, nas lutas sociais, nas memórias compartilhadas e nas relações comunitárias. Assim, investigar comunidades quilombolas exige metodologias sensíveis às especificidades culturais e históricas desses territórios.

A técnica da linha do tempo, apresentada como estratégia metodológica potente, ganha ênfase neste trabalho, pois permite reunir narrativas locais para o registro da trajetória histórica da comunidade. E, ao promover o encontro entre diferentes gerações e estimular a socialização das memórias, essa prática transforma a pesquisa em espaço de diálogo e de aprendizagem mútua.

Desse modo, o presente trabalho discute a utilização da linha do tempo como prática metodológica contra-hegemônica desenvolvida junto à comunidade quilombola Lage dos Negros, localizada no município de Campo Formoso, Bahia. É um dos resultados centrais da dissertação de mestrado profissional da autora (Gomes, 2018) pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Para tanto, delimitou-se o seguinte objetivo geral: analisar a técnica da linha do tempo como prática metodológica contra-hegemônica no contexto da pesquisa qualitativa e etnográfica, evidenciando seu potencial para valorizar memórias coletivas, fortalecer identidades quilombolas e produzir conhecimentos a partir das narrativas comunitárias.

Especificamente, buscou-se: compreender a linha do tempo como instrumento de registro histórico construído a partir da perspectiva local e comunitária; investigar como a participação coletiva na produção das narrativas contribui para o fortalecimento da memória social da comunidade quilombola Lage dos Negros; identificar os processos educativos presentes nas relações intergeracionais durante a realização da atividade; refletir sobre a valorização dos saberes ancestrais e das experiências comunitárias como formas de resistência ao conhecimento hegemônico.

Metodologia

A técnica de pesquisa chamada linha do tempo representa uma postura contra-hegemônica dentro de qualquer trabalho científico, desde que se respeite seus ritos, a fim de reunir informações sobre o contexto a partir da perspectiva da narrativa local. Ela se configura para além de um roteiro de procedimentos, é também postura e valores, para ser considerada uma representação histórica de um povo num determinado tempo.

É capaz de reunir detalhes da vida em comunidade, ampliar o entendimento sobre territorialidade, traduzir a identidade de um povo e sobretudo, a sua história no território. São noções e compreensões da experiência da coletividade que ajudam a reestruturar a noção oficial inscrita nos materiais didáticos e até nos currículos oficiais da educação sobre as comunidades quilombolas.

A representação visual das narrativas comunitárias tornam-se documentação da pesquisa e, sobretudo, fonte histórica de pesquisa. Por tudo isso, a pesquisa configura-se de natureza qualitativa e de abordagem etnográfica, pois visa "[...] estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário" (Geertz, 2008, p. 4).

Dentro do limite deste texto, a ênfase na primeira etapa se faz necessária e coerente. Entretanto, é importante informar que trata-se de apenas uma das três técnicas utilizadas no trabalho de campo na fase diagnóstica de pesquisa, cuja finalidade é reunir informações preliminares do território para aprofundamento e análise em etapas subsequentes.

Ao fim deste processo e tendo sido registrado integralmente em audiovisual, produziu-se um documentário intitulado coletivamente pela comunidade de "A cultura de um povo que luta". Considerada na dissertação que origina este trabalho como co-autora, a comunidade quilombola participante foi a de Lage dos Negros, localizada no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, compreendendo a área rural do município de Campo Formoso, no Estado da Bahia, com certificação desde 2005, emitida pela Fundação Palmares.

Resultados e discussão

De acordo com o planejamento da pesquisa, a linha do tempo inaugurou o trabalho de campo da dissertação, cujo objetivo era reunir informações mais gerais sobre sua história e identificar outras lideranças na comunidade. Sua realização

ocorreu na sede da Associação Quilombola de Lage dos Negros, recém inaugurada à época da pesquisa, com a presença de sessenta integrantes. O grupo se reuniu especialmente para a atividade. Participaram mulheres e homens, jovens e adultos, compondo um grupo diverso.

Na fase de apresentação da atividade, foram expostas informações referentes aos materiais utilizados e a sua organização, bem como sobre os equipamentos responsáveis pelo registro audiovisual da ação. Então, o grupo tinha à sua disposição papel madeira e alguns pincéis coloridos para os registros visuais das narrativas mais representativas para a grupo e uma câmera filmadora ficou ligada durante todo o trabalho, bem como na fase de apresentação para evitar constrangimentos, permanecendo assim durante todo o tempo. Não houve deslocamentos pelo espaço, a câmera fora enquadrada num plano geral com o propósito de captar o ambiente e as diversas ações que aconteciam simultaneamente. Apesar de não ser tão ampla, a sede recebia muitas pessoas para a ação, assim, utilizou-se o microfone do tipo dinâmico para captar todos os sons do ambiente.

Estrategicamente, o grupo destacou uma representante para os registros das narrativas, pois alguns não dominavam a escrita formal da Língua Portuguesa. A eleita foi uma professora da comunidade que, mais tarde, viria a ser designada como secretária da nova Associação. De início, as contribuições eram tímidas e o grupo não sabia bem por onde começar e pediam que fizesse-lhes perguntas, então, a fim de "quebrar o gelo", dando o tom de um bate-papo, sugerimos que "começassem do começo" e convidamos a quem quisesse, na hora que sentisse à vontade,

para compartilhar suas memórias mais antigas, ainda quando era povoado, a história por detrás do nome e assim por diante.

A dinâmica seguiu um ritmo interessante e, de forma espontânea, quem falava se colocava diante da câmera e compartilhava sua memória, enquanto as demais pessoas ouviam atentamente e reagiam, por vezes, rindo e/ou concordando com as falas, ora levantando a mão para complementar a informação, ora para estimular que novos dados fossem lembrados. A secretária da Associação fazia uma síntese e incluía como tópico no papel sempre com ajuda de outras/ os jovens.

Entre as falas espontâneas ou estimuladas por perguntas, minha postura como pesquisadora foi de me colocar como participante de um diálogo informal, dando o *feedback*, completando o que precisava de detalhamento ou apenas retribuindo com acenos e sinais de compreensão para motivar o desenvolvimento da história e me incluir pouco a pouco como participante e não entrevistadora. Nitidamente, os mais jovens acanharam-se logo no início e os mais velhos centralizaram as narrativas, primeiro contando da origem do nome, depois sobre os primeiros moradores, as residências iniciais e suas características.

Os jovens questionavam em torno das histórias que ouviam ao longo da vida e buscavam a veracidade ou não dos fatos contados. Embora o objetivo norteador da pesquisa fosse o de abordar as múltiplas dimensões sociológicas da Comunidade Quilombola, durante a fase de conhecer a história da Comunidade, isso não foi colocado como categoria para o grupo participante, uma vez que elas estariam reveladas nas próprias

falas espontâneas, destacando que a Sociologia não tem um aspecto mais importante que o outro, ele estão conectados.

Este movimento de falar e ouvir e a relação geracional de reverência aos mais velhos são destaques que merecem atenção. Há um complexo processo educativo coletivo vivenciado na realização desta técnica de pesquisa. Primeiro, pela organização da memória em busca do registro da sua história, pela troca e complementariedade entre os presentes. É pela práxis comunitária que o "[...] o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens" (Freire, 1979, p. 15) que os fatos históricos emergem e se tornam saberes compartilhados.

Assim como é pelo contexto comum partilhado pelo grupo, a conscientização sobre sua história configura "[...] um ato contra-hegemônico, um ato de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista" (hooks, 2013, p. 10) e também compreende uma ação fundamental de letramento racial para a pesquisa. A relação respeitosa e não subjulgada/ menosprezada entre pessoas de diferentes idades e gêneros demonstra a natureza e a força do coletivo, a noção de que os conhecimentos são amplos e nascem da experiência, do ato de agir e refletir. O sentido também deve retornar ao contexto, caso contrário, é apressor, é bancário e desconectado da vida.

Referências

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo, SP: Cortez & Moraes, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

GOMES, Isabela Esteves. **"A cultura de um povo que luta":** uma produção audiovisual sobre a sociologia rural da comunidade quilombola Lage dos Negros – BA. 2018. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Juazeiro, 2018.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2013.